

REVISTA TEXTO DIGITAL E A IMINÊNCIA DE UMA OUTRA LITERATURA

Nair Renata Amâncio (UFSCar)¹

Resumo: A Revista Texto Digital é um periódico de publicação semestral - mantido pelo NUPILL e sediado na Universidade Federal de Santa Catarina - que se dedica às discussões quanto às relações entre arte e informática desde a sua criação, em 2004. Além de artigos e ensaios de cunho teórico-crítico a respeito dos temas abarcados pelo seu escopo, a revista publica também “criações digitais” desde 2006. Por meio da descrição e análise de alguns aspectos da revista objetivamos evidenciar a perspectiva crítica, baseada em uma vertente não essencialista do literário, amplamente discutida por Rocha (2014, 2016, 2019), que dará subsídio para a análise dessa revista que figura como representante da literatura digital brasileira.

Palavras-chave: Texto Digital, Literatura Digital, Crítica Literária

Questões Iniciais

Este artigo é fruto da comunicação apresentada no simpósio *Repensando a Crítica Literária: Valor Literário, Vertentes e Contemporaneidade*. Nosso objetivo principal foi discutir as principais proposições teóricas que embasam o estudo da *Revista Texto Digital*, evidenciando como as características e o cenário no qual este periódico se insere contribuem para a legitimação e construção de uma crítica para a novíssima literatura digital brasileira. Para tal análise, partimos de uma visão não essencialista do literário, na qual prevalece um olhar sob o literário em sua “situação real e concreta de circulação” (PARDO, DALCASTAGNÉ, 2017), considerando os fenômenos que influenciam em seus processos de produção, circulação, recepção e institucionalização do literário.

A *Revista Texto Digital* (doravante denominada TD) se configura como um periódico acadêmico científico e corresponde a muitos dos requisitos formais que legitimam o gênero de circulação acadêmica. É sediada por uma universidade pública (UFSC), mantida pelo Nupill (Núcleo de Pesquisa em Informática Literatura e Linguística), tem suas publicações alocadas na plataforma *Seer*, é indexada e avaliada pelo *Qualis Periódico*. Esses requisitos demonstram que a revista cumpre com as formatações necessárias para ser compreendida como um periódico acadêmico de divulgação científica. No entanto, mesmo sendo classificada como um periódico científico, a TD apresenta características que extrapolam o gênero, de acordo com o que

¹Graduada em Letras (UFSCar), Mestranda em Estudos de Literatura (UFSCar). Contato: nairrenataamancio@gmail.com.

está previsto nas definições de periódico da ABNT, norma NBR 6023/2002, na qual um periódico científico é definido como:

Uma publicação em qualquer tipo de suporte, editada em unidades físicas sucessivas, com designações numéricas e/ou cronológicas e destinada a ser continuada indefinidamente. Os periódicos científicos publicam, **prioritariamente**, resultados de pesquisas científicas, sendo compostos, em sua maior parte, por artigos originais.

Nesse sentido, por mais que a TD publique artigos originais de divulgação científica, o fato de a revista também publicar *criações digitais* e *entrevista com criadores* modifica esse paradigma. A decisão da revista de abrir espaço para publicações que estariam mais próximas do campo artístico levanta um questionamento quanto aos espaços que a literatura digital vem encontrando. A iniciativa da revista de abrigar trabalhos que estariam mais próximos do fazer artísticos (consequentemente das revistas literárias) faz com que se estabeleça um trânsito entre o meio acadêmico e o literário – marcando um lugar específico de circulação para a literatura digital no Brasil hoje.

São características dessa ordem que fazem com que a TD transite entre o cenário literário e o meio acadêmico, construindo-se de acordo com o que foi compreendido por Sandra Raguenet (2011) como um “objeto editorial de duplo estatuto”, por abrir espaço tanto para trocas intelectuais quanto para experimentação artística.

A decisão de publicar sobre uma nova temática que tenta dar conta do estudo de uma literatura pautada num novo paradigma material, neste caso a literatura digital, é uma das marcas de particularidade da revista, que coloca em questão o que pesquisadores estão refletindo sobre o advento de uma nova técnica (algorítmica), que alterou nossa maneira de estar no mundo e, por consequência, o paradigma de produção artística.

Sobre esse novo cenário de produção artística e fazer crítico, Arlindo Machado² (1997, p.144) formula a seguinte questão: “Que elementos diferenciais as ferramentas, os processos e os suportes digitais estariam oferecendo à imaginação criadora, ao espírito investigativo e à indagação estética que se operam em nosso tempo?

²Ao formular essa questão o pesquisador pretende discorrer sobre o hipertexto\hipermídia\hipertextualidade, mas a questão colocada não deixa de refletir de modo geral as inquietações provocadas pela entrada da tecnologia digital no cenário artístico.

É na tentativa de responder a questões que se dão na ordem da compreensão da literatura digital no Brasil, que se faz pertinente entender as publicações da Revista *Texto Digital*. O que poderá nos dizer a única revista institucional brasileira que publica teoria-crítica, criações digitais e entrevista com criadores? Nessa tríade a revista se coloca diante dos processos que são tanto da ordem da criação quanto dos circuitos de difusão e valoração do literário, o fazer crítico. É por meio da união desses elementos que dão conta das inquietações tanto investigativas quanto criativas, constitutivas da cena literária, que a *Texto Digital* marca seu lugar na crítica e na divulgação da literatura digital produzida no Brasil.

Texto Digital em Contexto

A revista surge em 2004, na UERJ, durante o 1º Simpósio de literatura e informática. O ano de 2004 ficou conhecido como sendo o marco da Web 2.0, uma mudança que marca significativamente a relação que passa a ser estabelecida entre os usuários e o computador, a Web 1.0 antes utilizada para fins informacionais, um instrumento que não estava ao alcance de todos, progride e passa a ser marcada pela conectividade, começam a ser comercializados os primeiros computadores de uso pessoal e o que compreendemos hoje, tão naturalmente, por redes sociais.

Foi somente em meados dos anos 2000 que a até então incipiente ,world wide web cumpriu a passos largos e sem volta sua passagem para um paradigma baseado na conectividade: da web 1.0 para a web 2.0, conforme nomenclatura criada justamente para marcar essa diferença. Se a internet em seus primórdios era um veículo de informações com as quais o usuário não podia interagir – ou podia fazê-lo tanto quanto diante de uma televisão –, a partir de 2004 seus canais comunicativos entre usuários (e entre usuários e provedores de conteúdo) tornaram-se eficientes e estáveis a ponto de transformá-la nesse ambiente de forte natureza social que agora frequentamos. (ANDRADE, 2018, p. 89)

Neste contexto, a arte que sempre foi produzida com os meios do seu tempo, como nos mostram os trabalhos de estudiosos como; Dominique Maingueneau (1995), Régis Debray (1993), Paul Zumthor (2010) e Jorge Luis Antonio (2010), não se abstém das transformações que estão ocorrendo no meio informacional, começam a surgir cada vez mais experimentações artísticas que testam com as potencialidades dos códigos informáticos e sua capacidade multimodal.

As contribuições da ciência e da tecnologia também tem servido de motivação para a poesia³, que vem utilizando esses recursos para ampliar sua forma de comunicação, empregando o termo científico, tecnológico ou técnico como forma de crítica e reflexão ou como metáfora, adotando o procedimento científico e tecnológico como forma experimental de fazer poesia. (ANTONIO, 2010, p. 17)

Vale ressaltar que as experiências artísticas que envolvem as tecnologias dos novos meios não surgiram propriamente nos anos 2000, mas podemos dizer que é no marco do novo milênio que a prática se intensifica, devido ao acesso aos computadores de uso pessoal. Como confirma (ANTONIO, 2016, P.16) produções artísticas envolvendo o digital acontece, no Brasil, desde 1959.

Em poesia digital há: estado de arte, que é a intenção de mapear o que vem sendo estudado como poesia digital (estado de arte) desde 1959, e tem duas subdivisões: conceitos precursores e negociações com as linguagens computacionais; e denominações mais usadas, que registra os nomes que vêm sendo atribuídos a esse fazer poético.

É nesse contexto que, em 2004, a TD surge marcando a necessidade de compreender as relações que começavam a se estabelecer entre arte e a informática. Como podemos ver no texto de descrição da própria revista, ela foi criada para abrir espaço para discussões sobre o texto literário e as mídias digitais.

A revista foi criada com o intuito de abrir espaço para a discussão das teorias do texto literário que tentam descrever e compreender as textualidades digitais (criado dentro de um ambiente digital ou pensado para ser utilizado nesse ambiente), além de dar publicidade às artes digitais em geral. No que diz respeito à área das Letras, eram temáticas que, até aquele momento (e ainda até hoje), não encontravam muito espaço na Academia. Nos primeiros números, estava ligada à UERJ e, após, passou para a Universidade Federal de Santa Catarina, onde se encontra até hoje. (TEXTO DIGITAL)

Diferente de outros tantos periódicos que migraram do impresso para as plataformas digitais a TD se apresenta, em 2004, como nativa desse meio, e não poderia ser diferente já que a revista traz em sua proposta a divulgação científica e artística de objetos que contam com a materialidade digital como premissa para sua elaboração e fruição.

³ Jorge Luís Antônio, fala em poesia, mas a discussão pode ser estendida para a produção literária de maneira geral

As três seções da TD: *Artigos, entrevistas com criadores e Criações digitais*, apresentam vias diferentes de compreensão para o que vem a ser a relação que se estabelece entre literatura e informática. São modo de pensar e de fazer circular a teoria-crítica, as impressões dos criadores e, ainda, os objetos que surgem dessa relação entre arte e informática. Na seção *Criações digitais* são divulgados desde 2006 os mais variados tipos de objetos, tanto de artistas brasileiro quanto de estrangeiros.

De acordo com Laura Borrás Castanyer há três pontos centrais na cena literária; escritores, leitores e acadêmicos. Ao propor três seções com objetivos “aparentemente” distinto a *Texto Digital* dá conta da demanda posta para a efetiva comunicação literária.

Tres puntos clave que concentran la atención, respectivamente, em las relaciones entre os distintos actores de la escena literária – a saber: escritores, lectores, espectadores, artistas, críticos y académicos, cuyos roles dentro del ritual de la comunicación literária/ artística han sido substancialmente modificada.

Por mais que a TD publique artigos científicos referentes a outras áreas do conhecimento, a maior parte das publicações da revista estão destinadas ao que se refere a literatura e o meio digital. Aqui é importante deixar claro que, dentre as criações literárias publicadas na já referida seção *Objetos digitais*, nem todos são de interesse literário, isto é dizer que; não contam com a matéria verbal em sua constituição. No âmbito do projeto *Repositório da Literatura Digital Brasileira*, (CNPq – 405609/2018-3), no qual o trabalho de mestrado sobre a revista *Texto Digital* se insere, são considerados de interesse literário aqueles objetos que contam com a matéria verbal em sua constituição material.

Como o objetivo é compreender a relação entre a literatura e uma nova forma de produção material, que altera seus sentidos, interessa-nos as criações digitais que não poderiam serem lidas, em sua totalidade, fora de um dispositivo eletrônico. Como está dito na própria revista o interesse maior é pelos objetos que foram “*criado (s) dentro de um ambiente digital ou pensado para ser utilizado nesse ambiente*”.

Há, ainda, uma disputa em torno do termo/taxonomia mais apropriada para referenciar-se aos estudos da literatura que envolvem linguagem informática. Estudiosos da área tem preferido o termo *Literatura digital* ao invés de *Ciberliteratura* ou *literatura eletrônica*. De acordo com alguns teóricos o termo *literatura digital* seria

mais abrangente e não deixaria de considerar e incluir os objetos digitais produzidos para serem lidos no computador, mas que não fazem uso da internet. Assim como justifica (CASTANYER)

Prefiero la denominación “literatura digital” en la medida que resulta más omnicompreensiva que ciberliteratura, un concepto que está vinculado al de “ciberspacio” y, por lo tanto, a la red. Conviene no desdeñar todas aquellas obras literárias digitales que no tienen presencia alguna em la red, que durante mucho tiempo se han difundido mediante soportes como diskittes, cd o dvd. (CASTANYER)

Uma vertente do literário

O paradigma de estudo apresentado coloca em questão parâmetros de produção, circulação, recepção e institucionalização da literatura digital. São processos de compreensão do literário que nos assentam uma revisão entorno de determinadas concepções de literatura.

Mesmo diante de tantas produções do presente, que esgarçam parâmetros pré-estabelecidos, a literatura hoje é, ainda, compreendida por uma parte significativa de seus estudiosos por meio da imanência, uma visão essencialista em que não são considerados seus processos de produção, seus circuitos de circulação e menos ainda sua inscrição material.

Desse modo, de acordo com a pesquisadora Rejane Rocha (2017) o que temos atualmente é uma compreensão de literatura que se relaciona com uma materialidade específica, a do impresso.

O que se compreende por literatura, ocidentalmente, está intimamente relacionado com condições de contorno específicas, inerentes à emergência e popularização da cultura impressa. Tais condições de contorno são históricas, sociais, culturais e, também - o que é muito importante para as reflexões [deste projeto] - técnicas, uma vez que os dispositivos em que se produzem e se leem textos não são, acreditamos, transparentes, mas sim parte constitutiva do seu processo de significação. Assim, na medida em que as condições de contorno se modificam, não é descabido questionar se as categorias e parâmetros que ajudaram, ao longo dos séculos, a circunscrever o conceito de literatura, também não se modificariam, exigindo do analista o esforço e a coragem de repensar tais categorias e parâmetros para melhor ler as obras que têm surgido no contexto digital. (ROCHA, 2017, p.9)

Tal posicionamento, como se pode imaginar, coloca um problema para a literatura digital. Como podemos pensar a literatura digital no âmbito de uma concepção ocidental de literatura? Uma vez que a literatura digital justamente coloca em questão um modelo de produção artística baseado no uso do código informático, que consequentemente se distancia dos paradigmas do impresso.

Questionamentos como esses nos fazem concordar que para que o estudo de determinados objetos (produções contemporâneas) é preciso reconsiderar algumas práticas que foram aos poucos incorporadas como inerentes aos estudos literários. Novamente Rejane Rocha (2018) coloca que:

Para que um novo conceito de literatura seja colocado em questão é preciso considerar que o conceito de literatura ao qual nos referimos atualmente ao falar de literatura foi construído e consolidado mediante um contexto específico. Assim como as categorias que circundam o conceito: autor, obra, originalidade.”

Não temos como proposta, rever ou propor uma concepção de literatura por simplesmente fazê-lo, mas à maneira como as produções contemporâneas se colocam diante de nós, nos exigem revisões conceituais. As categoriais analíticas do literário tal como as compreendemos não dão subsídio suficiente de análise para fenômenos como a literatura digital. Dessa forma, uma nova produção literária reivindica para si uma nova crítica. O que nos faz concordar com Cristiano Aguiar que acentua que:

Qualquer definição essencialista ou dogmática de crítica literária não leva em consideração o fato incontornável de que a crítica, antes do que uma teoria, é uma prática e, como todas as atividades humanas, desenvolve-se numa dinâmica histórica de acordo com necessidades e demandas circunstanciais e contingentes. A crítica, como a própria literatura, não é, mas se faz. (AGUIAR, 2018, p.6)

Dessa forma, nós nos apoiamos em uma concepção não essencialista de literatura, o que significa concordar que a literatura não nasceu sozinha, mas de uma rede de relações que aos poucos foi consolidando um conceito. *El concepto occidental de literatura está ligado profundamente a una forma muy concreta de actualización de la obra literaria, la del lector – y – en particular – la del lector que surge a partir de la invención de la imprenta.* (CASTANYER, p.9)

Desse modo, a concepção de literatura que permeia o estudo sobre a *Texto Digital* se distancia de uma visão essencialista do literário, pois considera os seus processos de produção, inscrição e circulação. Para que se entenda e se encare os fenômenos que estão surgindo é preciso encarar a expressão literária e a sua relação com a técnica, como coloca (MAINGUENEAU, 2007, p.83) “Contudo, se quisermos tornar a emergência de uma obra pensável, sua relação com o mundo na qual ela surge não é possível separá-la de seus modos de transmissão e de suas redes de comunicação.”

Referências

- AGUIAR, E. Apresentação: A marca da pluralidade no debate crítico contemporâneo. A crítica literária e o seu lugar no debate público de ideias, Série E-books ABRALIC, 2018
- ANDRADE, N. F. Vida literária na web 2.0: uma análise panorâmica das recentes manifestações da crítica brasileira em rede – p. 89. A crítica literária e o seu lugar no debate público de ideias, Série E-books ABRALIC, 2018.
- BORRÀS CASTANYER, L. La literatura digital bajo el estigma de la comparación.
- CANCLINI, N. G. *A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência*. São Paulo: EDUSP, 2016a.
- _____. *O mundo inteiro como lugar estranho*. São Paulo: EDUSP, 2016b.
- GAINZA, Carolina. Literatura chilena em digital: mapas, estéticas y conceptualizaciones. *Revista Chilena de Literatura*, n. 96, 2016, p. 233-256.
- GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos extraños: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. Oral, escrito, impresso. In: MAINGUENEAU. O contexto da obra literária – enunciação, escritor, sociedade. 2 ed. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, pp. 81-100.
- MACHADO, Arlindo. *Arte e Mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007
- MANOVICH, Liev. *El lenguaje de los nuevos medio de comunicación*. Trad. Oscar Fontodrona. Barcelona: Paidós, 2005.
- PARDO, M; DALGASTGNÈ, R. Lugares do Literário. *Revista Estudo de literatura brasileira contemporânea*, n.50, p. 13-17, Jun/abril. 2017

RAGUENET, Sandra. Dos usos e funções das revistas literárias à intermedialidade inovadora de Banana Split. *Alea* [online]. 2011, vol.13, n.1, pp.108-127. ISSN 1517-106X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2011000100007>

REVISTA TEXTO DIGITAL. 2004-2018, 14 Volumes. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital>. Consultada em 24 de junho de 2018.

ROCHA, Rejane Cristina. Além do livro: Literatura e Novas Mídias. *Revista Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 47, p. 11-17, jan./jun. 2016.

_____. Contribuições para uma reflexão sobre a literatura em contexto digital. *Revista da Anpoll* n° 36, p. 160-186, Florianópolis, Jan./Jun. 2014

_____. A literatura no contexto digital: desálio ao literário. Pós doutoramento (relatório), 2018.

_____. "Monstro esperançoso": a respeito de Oratório, de André Vallias. *Revista Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 47, jan-jun 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018478>.

_____. Em que páginas você lê? Aspectos da leitura na contemporaneidade digital. In: HOSSNE, Andrea Saad; NAKAGOME, Patricia Trindade. (Org.). *Leitores e leituras na contemporaneidade*. Araraquara: Letraria, 2019.

_____. 1, 2, 3...testando: Literatura digital, no Brasil, hoje. In: SOARES, Leonardo. *Interfaces: literatura, artes e mídia*. Uberlândia: EDUFU. (no prelo).